

Nota de abertura para a Obra “Jogos Olímpicos sob o signo da utopia”

Sebastião Feyo de Azevedo, em 18 de novembro de 2015

Os professores Rui Proença Garcia e António Camilo Cunha oferecem-nos nesta Obra ‘Jogos Olímpicos sob o signo da utopia’ uma vasta substância para reflexão sobre valores da vida essenciais para o desenvolvimento humano, percebido na complementaridade essencial do desenvolvimento individual e coletivo – valores de ética, cooperação, superação, competição saudável, organização e governação, entre outros.

Trata-se de um trabalho de cariz científico, desenvolvido em cooperação entre dois docentes/investigadores das universidades do Porto e do Minho, algo que valorizo imenso. Sem dúvida que o avanço da ciência beneficia muito da interação entre investigadores com culturas diferentes, que trabalham em diferentes ‘ecossistemas’ científicos.

Esta Obra assenta no tratamento de temas intemporais. Sendo que normalmente me afasto de apreciações datadas, ainda assim devo relevar a importância acrescida desses temas num momento da história contemporânea em que se vive uma confrontação violenta, de todo indesejável, que deve ser combatida, de ideologias e de algumas culturas. Este é mais um tempo da história em que importa muito refletir sobre os valores do Olimpismo, no limite assintótico do pensamento filosófico associado à utopia. Como os autores nos propõem.

Para dar consistência ao manancial reflexivo deste trabalho, respigo cinco passagens do texto, outras poderia ter escolhido:

- "Utopia – palavra desconhecida do grego – é um neologismo forjado em 1516 a partir dessa língua por Thomas More com que intitulou a sua obra de referência. Foi o nome que Thomas More atribuiu a uma Ilha, inexistente geograficamente, que corresponde ao seu ideal de sociedade humana perfeita: perfeita na organização, no funcionamento e na governação";
- "A utopia surge assim como lugar do desafio";
- "O olimpismo preconiza e dá corpo à utopia enunciada pelo Padre Manuel Antunes. Se no desporto é possível atingir este patamar civilizacional de forma voluntária e por todos aceite, então noutras áreas da sociedade humana tal também será exequível";
- "Podemos considerar as utopias atuais enquanto formas mais ou menos evoluídas do imaginário social, que fundem representações avulsas com esperanças de um futuro melhor face à época conturbada em que nos encontramos";

- “O mesmo é dizer que, no seu início e no seu fim, a imanência e a transcendência estruturam a ideia de olimpismo, ou mesmo, o sentido utópico (concretizado) do olimpismo”.

O olimpismo tem indiscutivelmente escala planetária. Nenhum outro evento Mundial reúne tantos países, ou suscita a presença de tantos Chefes de Estado nas cerimónias de abertura, ou motiva tantos voluntários. Só um outro evento, o Campeonato do Mundo de Futebol, rivaliza em mediatismo, medido este em atenção jornalística e em visualização televisiva. Porquê? Parece-me claro que pelo reconhecimento dos valores e pela utopia que lhe está associado. Como os autores exploram!

Os impactos locais são imensos, como os autores descrevem de duas experiências etnográficas, uma relativo a Pequim e outra relativa à cidade do Rio de Janeiro, evidenciando que estas duas cidades foram totalmente modificadas em virtude da realização dos Jogos Olímpicos, nas questões ambientais e de mobilidade que entre outras se levantam, numa demonstração das dimensões da vida humana que estão associadas aos Jogos, bem para lá da vertente desportiva.

Também a Aldeia Olímpica é analisada, jogando os autores com os dois princípios da cultura grega, consubstanciados na ‘moral de Dionísio’, carnal, de excessos, e na ‘moral de Apolo’, feita de racional, presente esta nos Estádios e na utopia da igualdade e da identidade na diversidade.

Na abundante ‘matéria para reflexão’ que os autores nos fornecem, podemos encontrar ainda identidade com o que a nível da Universidade e da Região Norte de Portugal temos vindo a desenvolver e a perseguir.

Não desperdiço a ocasião que a Obra proporciona. Associo-a ao espírito de colaboração interinstitucional que muito se projeta no consórcio UNorte.pt, constituído entre a Universidade do Porto, a Universidade do Minho e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Este consórcio procura dinamizar a todos os níveis, no que se inclui a área do desporto, a partilha de recursos, experiências, competências e conhecimentos entre estas instituições, com o objetivo primeiro de fortalecer o desenvolvimento desta importante Região de Portugal, precisamente um objetivo em que, notoriamente, no meu entendimento, esta Obra se inscreve.

Políticas comuns de promoção de desporto e de acessos a instalações e atividades; concursos de ideias; organização conjunta de eventos de dimensão nacional e internacional; estudo de hábitos estudantis de práticas desportivas comuns – eis alguns dos temas em que as três universidades se unem, num propósito de ultrapassarem fronteiras, através da agregação de vontades.

Mas também os *Jogos Galaico-Durienses*, que começaram a ser organizados em 1993 na Universidade da Corunha, e juntam todos os anos seis Universidades do Norte de Portugal e Galiza (Universidades do Porto, Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Corunha, Vigo e Santiago de Compostela), serão um bom exemplo dessa ‘utopia’ perseguida de cooperação e convívio, com vista a melhorar o conhecimento sobre a organização desportiva das instituições envolvidas e trocar boas práticas e experiências no quadro de uma competição salutar.

Estão pois de parabéns os autores da Obra, por tudo o que suscitam de reflexão sobre valores humanos, pela informação que disponibilizam, pelo exemplo de cooperação que representam.

Uma Obra, cuja leitura representará uma opção sábia de enriquecimento cultural.

Em 18 de novembro de 2015

Sebastião Feyo de Azevedo

Reitor da Universidade do Porto